

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

<https://doi.org/10.23925/2237-759X2023V54e65393>

A CO-CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS NAS AULAS DE LEITURA: O
PENSAR ALTO EM GRUPO COMO INSTRUMENTO DIALÓGICO

THE CO-CONSTRUCTION OF THE MEANINGS IN READING CLASSES:
GROUP THINK-ALOUD AS A DIALOGICAL INSTRUMENT

Dimas Henrique Pereira de Oliveira SILVA
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
dimaspereira16@gmail.com

Dalve Oliveira BATISTA-SANTOS
(Universidade Federal do Tocantins)
dalve@mail.uft.edu.br

Michele Lima NASCIMENTO
(Universidade Federal do Tocantins)
Mic.limma@gmail.com

RESUMO: O objetivo do presente estudo foi investigar como se dá o processo de co-construção (PONTECORVO, 2005) dos sentidos, em uma aula que utilizou a prática de leitura compartilhada do Pensar Alto em Grupo (PAG) (ZANOTTO, 2014). As vivências analisadas aconteceram em um curso de extensão universitária, modalidade remota. A pesquisa insere-se no paradigma qualitativo-interpretivista (DENZIN; LINCOLN, 2006), e na perspectiva Indisciplinar de Linguística Aplicada (MOITA-LOPES, 2006). Os resultados indicaram que a co-construção por retomada e a co-construção de cooperação na complementação da asserção são conceitos relevantes para explicar dinâmicas ocorridas em aulas que utilizam práticas de leituras como o PAG.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura; pensar alto em grupo; interacionismo social; co-construção

ABSTRACT: *The objective of the present study was to investigate how the process of co-construction (PONTECORVO, 2005) of meanings occurs, in a class that used the practice of reading of Group Think-Aloud (GTA) (ZANOTTO, 2014). The experiences analyzed took place in a university extension course, remote mode. The research is part of the qualitative-interpretivist paradigm (DENZIN; LINCOLN, 2006), and the Indisciplinary*

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

perspective of Applied Linguistics (MOITA-LOPES, 2006). The results indicated that co-construction by resumption and the co-construction of cooperation in the complementation of the assertion are relevant concepts to explain the dynamics that occurred in classes that used reading practices such as the GTA.

KEYWORDS: *Reading; group think-aloud; social interactionism; co-construction*

1. Introdução¹

A prática de leitura compartilhada do Pensar Alto em Grupo - PAG (ZANOTTO, 2014) tem se mostrado como uma prática que além de ser robusta para elucidar o processo da compreensão metafórica, uma vez que por meio dela é possível investigar de forma empírica os esforços cognitivos utilizados na interpretação metafórica, também se apresenta como de grande valia para o ensino da competência leitora (ZANOTTO, 1998; 2014; BATISTA-SANTOS, 2018; SILVA, 2022).

Isso se deve ao fato de o PAG, além de se orientar a partir da epistemologia do dialogismo (BAKHTIN, 2018; VOLÓCHINOV, 2019), é uma prática que rompe com a lógica de silenciamento que ainda impera no contexto educacional brasileiro, no que se refere ao ensino de leitura. Esse contexto é o lugar onde há uma “prática dominante de leitura” (ZANOTTO; SUGAYAMA, 2016), que é regida pela concepção bancária da educação (FREIRE, 2013) e que tem os seus fundamentos na epistemologia do monologismo (VOLÓCHINOV, 2017).

Para confrontar essa lógica silenciadora, se faz necessário tanto teorias quanto métodos que rompam com esse paradigma e se coloquem de maneira alternativa, proporcionando aos alunos a possibilidade de construir ou co-construir os sentidos nas aulas de leitura de maneira crítica e reflexiva. Diante disso, o PAG se apresenta como um instrumento importante, haja vista que ele emerge da epistemologia do dialogismo, assumindo uma concepção de linguagem como forma de interação. Na perspectiva dialógica, toda compreensão é responsiva, pois

Compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas” (VOLÓCHINOV, 2017: 232).

¹ Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins (UFT) sob parecer: 4.303.040.

Além disso, o PAG é uma proposta de leitura que se ampara na perspectiva sociocultural (VIGOTSKI, 1998; PONTECORVO, 2005; REGO, 1995), pois defende a interação social como principal fator na construção dos conhecimentos. O PAG, portanto, é uma prática de leitura coletiva e compartilhada, na qual os sujeitos, por meio de um encontro face-a-face, constroem colaborativamente os sentidos numa aula de leitura.

Na perspectiva sociocultural, há múltiplos conceitos que emergem como importantes para a fundamentação teórica da prática do Pensar Alto em Grupo. Essa perspectiva também é muito útil para explicar fenômenos que ocorrem nas aulas de leitura. Para exemplificar, um dos conceitos advindos das problematizações da perspectiva sociocultural, que é de extrema valia na prática do PAG, citamos o processo da *co-construção* (PONTECORVO, 2005).

De acordo com Pontecorvo (2005), a *co-construção* pode ser entendida como um processo coletivo de raciocínio e pensamento, que se manifesta por meio do diálogo e no grupo. Esse fenômeno ocorre em aulas em que as intervenções dos professores são menos frequentes, uma vez que os alunos podem assumir, também, o papel de agente do seu dizer ao construir as leituras a partir da leitura do outro(s).

Assim, diante do exposto, este artigo tem por objetivo investigar como o conceito de co-construção contribui para a compreensão de fenômenos que emergem nas aulas que utilizam o PAG como prática de leitura. Espera-se, com as problematizações realizadas, traçar alguns elos entre as teorias emergidas da perspectiva sociocultural e a prática do Pensar Alto em Grupo.

Portanto, neste trabalho, o leitor encontrará, além desta, mais três seções: uma responsável por tecer reflexões sobre a prática do Pensar Alto em Grupo. Uma seção responsável por trazer informações sobre o percurso metodológico desenvolvido e sobre o contexto de pesquisa, bem como as análises do *corpus* levantado. E, uma última seção responsável por trazer as considerações finais do trabalho.

2. Pensar Alto em Grupo: uma prática colaborativa de leitura

O Pensar Alto em Grupo consiste em uma prática de leitura compartilhada, na qual os alunos se constituem enquanto sujeitos ativos a partir das construções dos sentidos nas aulas de leitura. Isso se deve ao fato de, diferentemente da prática monológica e autoritária de leitura, dominante no contexto educacional brasileiro, os alunos poder expor suas impressões/interpretações livremente, sem o receio de estarem sendo julgados por não fornecer uma 'resposta certa', "pelo contrário, as ideias

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

devem fluir livremente e não constituírem um objeto de avaliação” (ZANOTTO, 1998: 21). De forma prática, a vivência de leitura do PAG

[...] funciona da seguinte maneira: o professor-mediador distribui o texto aos alunos, que, primeiramente, leem silenciosamente e, também, podem fazer o uso de notas, de maneira espontânea, para registrar as ideias que vêm em sua mente. Após isso, é chegado o momento da discussão do texto, sem nenhum direcionamento prévio. (BATISTA-SANTOS; SILVA, 2020: 19).

Na prática do Pensar Alto em Grupo rompe-se com a ideia que emerge da concepção bancária da educação (FREIRE, 2013) em que o professor é o sujeito da educação, relegando aos educandos o *status* de meros entes passivos. Para exemplificar a concepção bancária da educação e a sua lógica de assujeitamento para com os alunos, Freire utiliza duas metáforas: a de depósitos e a de arquivos.

Sendo assim, na concepção bancária da educação, aos alunos cabe arquivar as informações passadas pelo professor e, docilmente, deixarem ser meros depositários de conhecimentos que, muitas vezes, não se relacionam com a realidade dos educandos. Por se inserir numa concepção de educação emancipadora (FREIRE, 2013) o PAG se opõe ao assujeitamento dos educandos no processo educativo, promovendo nas aulas de leitura um ambiente democrático para a construção dos sentidos, em que eles possam ser responsivos.

Dessa maneira, durante a vivência do PAG faz-se necessário a mobilização da concepção de linguagem como fenômeno social, uma vez que “requer uma postura ativa dos sujeitos envolvidos na interação verbal, isto é, uma atitude crítica – que vai além do simples ato de decodificar - na construção de sentidos na atividade de leitura” (BATISTA-SANTOS, 2018: 93).

Além de se colocar como uma das propostas que emergem do paradigma alternativo ao da concepção bancária da educação, a prática do PAG também se opõe à pedagogia do silenciamento, que, conforme elenca Ferrarezi-Jr (2014), impera no contexto brasileiro. A pedagogia do silenciamento faz com que os sujeitos formados no nosso contexto educacional não desenvolvam suas capacidades de produção linguística com a oralidade e a escrita, resultando também numa educação argumentativa fragilizada.

Sendo assim, idealizada, inicialmente, para a investigação empírica da compreensão metafórica, a prática de leitura do Pensar Alto em Grupo passou por grandes transformações. Essas transformações, conforme nos narra Zanotto (2014), vão desde uma natureza metodológica, uma vez que a pesquisadora a utiliza para a geração de dados, até uma natureza

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

epistemológica, pois o PAG deixou de ser uma prática de leitura individual, oriunda do protocolo verbal (ERICSSON; SIMON, 1984) e passou a ser uma prática de leitura em grupo.

Tais acontecimentos fizeram com que o PAG rompesse com a ideia de que a leitura é trabalhada de maneira individual, portanto, de maneira monológica e passasse a ser trabalhada em grupo, que é a realidade das salas de aula do Brasil. E se, na prática, as aulas de leitura acontecem com turmas cheias de alunos, o PAG, então, configura-se como um instrumento dialógico significativo no processo de construção de sentidos.

Essa proposta de ensino de leitura compartilhada, além de promover o encontro com o outro nos momentos das construções do sentido, questão cara à epistemologia do dialogismo, fez com que a prática do PAG se aproximasse também das problematizações advindas da perspectiva sociocultural. Tal abordagem defende que a construção dos conhecimentos deve ocorrer de maneira coletiva e democrática. Dessa forma, diferentemente da educação bancária, a perspectiva histórico-cultural entende que

o sujeito produtor de conhecimento não é um mero receptáculo que absorve e contempla o real nem o portador de verdades oriundas de um plano ideal; pelo contrário, é um sujeito ativo que em sua relação com o mundo, com seu objeto de estudo, reconstrói (no seu pensamento) este mundo (REGO, 1995: 98).

Pelo fato de os sujeitos, na perspectiva sociocultural, reconstruírem a forma de construção de conhecimentos no mundo, o PAG proporciona uma ressignificação das interações sociais entre aluno-aluno, aluno-professor e aluno-professor-aluno (REGO, 1995). De modo que, essas interações sociais passam a ser a “condição necessária para a produção dos conhecimentos” (REGO, 1995: 110), sendo os alunos, nesse processo de produção, os reais protagonistas.

É nesse contexto que o conceito de co-construção, elaborado por Orsolini e Pontecorvo (1986) e também desenvolvido por Jacoby e Ochs (1995) e Pontecorvo (2005), é de grande relevância, haja vista que ele pode descrever parte da realidade das salas de aulas de leitura, lugar onde pode haver o diálogo, conflito, discussão e a solução dos problemas em grupo. Essa dinâmica coletiva, na maioria das vezes, não é explorada na construção dos saberes e na construção dos sentidos.

Nessa linha de pensamento, Jacoby e Ochs pontuam que uma co-construção é uma “criação conjunta de uma forma, interpretação, postura, ação, atividade, identidade, instituição, habilidade, ideologia,

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

emoção ou outra realidade cultural significativa” (JACOBY, OCHS: 171).² De modo que, por meio da co-construção, e, também, de outros fatores, pode-se subverter a tônica empreendida nos contextos das aulas de leitura, tendo em vista que impera uma

estrutura usual das conversações em sala de aula – com a sua típica sequência de pergunta do professor, resposta do aluno, comentário do professor – responde, sobretudo ao objetivo de avaliar o aluno, verificando os conhecimentos que ele possui. (PONTECORVO, 2005: 67)

Sendo assim, a co-construção é um raciocínio que é exteriorizado de maneira coletiva, além disso é também um conhecimento que se

constrói mediante a concatenação dos argumentos por meio de um pensamento coletivo que se passa de um para o outro, como se não se tratasse de indivíduos diferentes, mas de um único sujeito que fala com mais ‘vozes’ (PONTECORVO, 2005: 69).

A co-construção ocorre quando há um pensamento coletivo por meio do diálogo. Ela também é chamada, por alguns pesquisadores (ORSOLINI; PONTECORVO, 1986), de “síndrome dos três sobrinhos do Pato Donald”, que, por familiaridade dos pensamentos alheios, um sujeito acaba por completar as frases iniciados por outros. De acordo com Pontecorvo (2005: 71) isso se deve ao fato da “permeabilidade, de captar o pensamento do outro e na conseqüente possibilidade de construir um pensamento-discurso”.

Já a co-construção do raciocínio pode se apresentar nas salas de aula de duas formas. A primeira delas é a “cooperação na complementação da asserção” (PONTECORVO, 2005: 71), que acontece quando os sujeitos têm familiaridade e complementam as falas precedidas às dele. Ela acontece também quando o objeto do discurso é compartilhado, ou quando um pensamento é coletivo.

Uma segunda maneira em que ocorre o fenômeno da co-construção é a “co-construção de dado pela retomada” (PONTECORVO, 2005). Um acontecimento muito importante em aulas de leitura, que ocorre quando “um tema introduzido por um interlocutor, com a intenção de incluir pequenos acréscimos, variações, elaborações, integrações” (PONTECORVO, 2005: 73).

Portanto, por meio da prática de leitura compartilhada do Pensar Alto em Grupo, essas duas formas de co-construção do raciocínio têm

² Trecho traduzido pelos autores. No original: “co-construction as the joint creation of a form, interpretation, stance, action, activity, identity, institution, skill, ideology, emotion, or other culturally meaningful reality.”

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

potencial para subverter a estrutura usual das argumentações nas de aula de leitura. Além disso, nessa prática de leitura, o professor abdica de sua posição de “autoridade máxima interpretativa” (BATISTA-SANTOS: 2018), deixa de ser o controlador dos turnos de fala e passa a ser um orquestrador de sentidos (ZANOTTO, 1998; 2014).

Dito isso, na próxima seção, além do percurso metodológico adotado para realizar as investigações pretendidas, o leitor encontrará algumas reflexões sobre os acontecimentos da co-construção em aulas de leitura que ocorrem em contexto remoto.

3. Desenho metodológico

Após apresentarmos alguns pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa, bem como após ter apresentado ao leitor a prática do Pensar Alto em Grupo, trataremos, neste espaço, o percurso metodológico traçado nesta pesquisa. Diante disso, esta pesquisa se insere no paradigma qualitativo e é de natureza interpretativista (DENZIN, LINCOLN, 2006). Os dados que compõem este *corpus* foram gerados por meio do Pensar Alto em Grupo (ZANOTTO, 1995; 2014), que é, ao mesmo tempo, método de pesquisa, por contribuir com a geração de dados, e método pedagógico, por contribuir com o ensino de leitura.

As problematizações realizadas neste trabalho partem dos conhecimentos produzidos pela área do saber denominada Linguística Aplicada (LA). A concepção de LA adotada foi a Indisciplinar (MOITA-LOPES, 2006; 2009), uma vez que esta acepção objetiva gerar inteligibilidade de problemas sociais em que a linguagem tem sua devida importância.

No que diz respeito ao contexto de pesquisa, é importante salientarmos que os dados que compõem esta pesquisa³ foram frutos das aulas de leitura realizadas no curso de extensão, cujo nome foi “*Desenvolvendo o Letramento Acadêmico: Práticas de Leitura e Escrita na Universidade*”. Tal curso foi ofertado no ano de 2020, em uma universidade federal, no estado do Tocantins. Contudo, como tal curso foi ofertado na modalidade virtual, com encontros síncronos (aulas teóricas e práticas) e assíncronos (produção textual), foi possível contar com participantes de vários estados do Brasil. Além disso, o curso congregou um público heterogêneo contando com alunos de graduação, professores da educação básica e alunos de pós-graduação.

³ Esta investigação está inserida em um projeto de pesquisa mais amplo denominado “Prática dialógica de letramento na universidade: uma contribuição para a formação do leitor e escritor responsivo”. Logo, o referido projeto foi submetido e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP), sob número de parecer 4.303.040.

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

Nos momentos síncronos foi ofertada uma série de aulas tendo como conteúdo os principais gêneros que circulam na esfera social do discurso (BAKHTIN, 2018) acadêmico. Além disso, ocorreram aulas de leitura, que utilizaram a prática do Pensar Alto em Grupo como método de ensino. Nos momentos assíncronos, além de resolver atividades atribuídas, os alunos produziram os textos pertencentes aos gêneros trabalhados e tiveram a possibilidade de ter atendimentos sobre possíveis dúvidas com os monitores.

Dessa forma, é importante pontuarmos que as aulas de leitura, embora fizessem parte do curso de extensão, ocorreram em horário de contraturno. Todos os alunos foram convidados a participar das vivências de leitura nos momentos das aulas, bem como receberam o convite por e-mail. De modo que se fizeram presente mediante conhecimento de que haveria a possibilidade de os dados gerados serem utilizados em pesquisas posteriores. Importa dizermos que todos os participantes das vivências de leitura receberam codinomes como forma de garantirmos o anonimato dos colaboradores.

4. Análise e discussão dos dados: Tecendo a manhã

Considerando o objetivo geral da presente pesquisa que foi investigar como a prática dialógica do PAG pode contribuir para que o processo da co-construção possa emergir nas aulas de leitura, nesta seção apresentamos a descrição e análise da vivência de leitura realizada, por meio do Pensar Alto em Grupo, ocorrida remotamente utilizando a plataforma *Google Meet*.

A vivência de leitura foi realizada por meio do texto “Tecendo a manhã” de João Cabral de Melo Neto. A seguir o poema:

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

que, tecido, se eleva por si: luz balão.

(MELO NETO, João Cabral de. Obra completa: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994: 34).

Os recortes que compõem o excerto 1 e 2 fazem parte do início da vivência de leitura. Eles entram nestas reflexões em virtude de trazerem para o leitor mais informações sobre o início de uma aula de leitura que utiliza o PAG.

Excerto 1: início da vivência de leitura

Turno	Participante	Reflexão
1	Professor pesquisador	Pessoal... então vamos começar a nossa vivência de leitura?... eu estarei disponibilizando agora aqui no <i>chat</i> ... pra quem::... o nosso texto de hoje... tá? está aqui no <i>link</i> pra quem tá no celular... já vai direto para o texto né? e também tem... o <i>link</i> da postagem... do Google Sala de Aula tá?... Para vocês LERem vou dá um tempo agora para vocês ler (...)
2	Marina Silva	O texto é o que você, professor? no e-mail também?
3	Professor pesquisador	Isso... é o mesmo texto (...)
4	Marina Silva	É né?...
5	Professor pesquisador	Eu vou projetar (...)
6	Marina Silva	<i>Tecendo a manhã?</i>
7	Professor pesquisador	Isso...
8	Marina Silva	Tá bom...

Importa dizer, inicialmente, que no excerto 1, os turnos 1 a 8 mostram a dinâmica inicial de uma aula em contexto remoto, uma vez que os dados gerados são do período em que estávamos todos em necessidade de confinamento, durante a pandemia gerada pelo vírus COVID-19.

O turno1 traz para o leitor a informação de que o texto a ser lido pelo grupo foi disponibilizado momentos antes da vivência de leitura por meio do e-mail dos participantes. Após essas considerações, os turnos de fala seguintes, do 2 ao 8, referem-se às manifestações da aluna Marina Silva querendo se certificar que o texto é o “Tecendo a Manhã” e, também, podemos dizer que foi uma forma de se aproximar do professor.

O segundo excerto, também, revela dificuldades típicas enfrentadas pelos alunos e professores nas aulas em contextos remotos. Tais aulas em países como o Brasil, que sofre uma série de problemas

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

estruturais que envolvem a conectividade, foram marcadas por falhas que aprofundam os problemas, ainda, presentes na educação brasileira.

Excerto 2: da sala de aula virtual e seus problemas

Turno	Participante	Reflexão
9	Professor pesquisador	Eu vou projetar também na tela tá? pra vocês VERem... E eu vou dar um tempo pra vocês fazerem uma leitura aí silenciosa... e aí depois a gente volta a discutir...
10	Marina Silva	Você consegue aumentar a letra, professor?
11	Professor pesquisador	Eu acho que sim...
12	Marina Silva	Por favor...
13	Professor pesquisador	Deixa eu aumentar aqui...
14	Marina Silva	Mas se ficar difícil... abro aqui o meu e-mail...
15	Professor pesquisador	Ficou melhor?
16	Marina Silva	Hum::: bem melhor... brigada...
17	Professor pesquisador	NAda... aí quando vocês quiserem eu abaixo mais tá? ler a segunda estrofe... todo mundo conseguiu ter acesso Ao... ao texto gente? desculpa a interrupção...
18	Marina Silva	Eu consegui sim...

É mister pontuar que, os turnos 19, 20, 21 e 22 são compostos por falas da aluna Maria bonita, manifestando o recebimento do texto e informando que conseguiu fazer a leitura e pela aluna Marina Silva informando que já havia lido em algum momento o texto da vivência. Por último, o professor mediador informando que houve um problema técnico e que ele projetaria novamente o texto, para que todos tivessem acesso.

Tendo recebido as confirmações, advindas da parte das alunas, sobre elas terem realizado o primeiro momento de leitura silenciosa, o professor pesquisador abre, então, para as discussões com uma pergunta aberta (turno 23) que tem como objetivo suscitar os múltiplos sentidos que possam ser construídos. Conforme pontuou Batista-Santos (2018 :137), esse tipo de pergunta permite "antecipações e constatações, além de permitir que os sujeitos-leitores [...] [criem] hipóteses tendo como base o que já conheciam", como podemos verificar no excerto a seguir.

Excerto 3: abertura das discussões

Turno	Participante	Reflexão
23	Professor pesquisador	E aí? o que vocês acharam do texto?

Depois dessa pergunta, as alunas começaram a apresentar suas interpretações, construindo sentidos acerca do texto literário lido⁴. Dessa forma, é importante pontuar que dos turnos de fala 24 ao 52, as alunas se ativeram às interpretações de algumas metáforas presentes no texto, tais como o que seriam os “galos” e os “fios de ouro”.

E considerando o objetivo desta pesquisa, bem como o espaço que nos permite o gênero artigo, seguiremos, pois, ao excerto 4 que dá conta de um momento de co-construção.

É importante mencionar que o fato de nem todas se conhecerem, no início da vivência, as alunas poderiam não estar aquecidas ao ponto de realizar as co-construção de sentidos. Contudo, em momentos posteriores elas iniciaram a construção coletiva dos sentidos.

Assim, após uma série de discussões suscitadas pelo espaço de fala atribuído às alunas, o professor mediador chamou atenção para uma parte do texto que, até então, havia sido pouco abordada pelas alunas. Essa ação, em específico, nos permitiu identificar indícios de como o fenômeno da co-construção emergiu na construção de sentidos, por meio da prática dialógica do PAG. Tomemos o excerto a seguir.

Excerto 4: “entre todos os galos”

Turno	Participante	Reflexão
53	Professor pesquisador	Maravilhoso né?... Mais gente... vocês têm mais alguma coisa sobre essa primeira estrofe?
54	Maria Bonita	Acho que essa parte aqui que ele fala né? “entre todos os galos” né? então seria contagiando uma coisa que vai contagiando a todos né? aquela ideia vai contagia todo mundo e todo mundo... junto ali...
55	Professor pesquisador	Contagiando de uma maneira TÊnue... isso é o que eu acho mais legal... sabe? que é:: [...] tem que ser tÊnue gente... tem que ser muito sensível sabe? a gente tem que construir um amanhã contagiando a todos de uma forma tÊnue... e assim essa teia se vá tecendo né? de maneira TÊnue... e aí a gente chega a segunda estrofe né? ((riu)) comé que vocês viram “se encorPANdo em TEla”? é difícil essa segunda... ou não?... eu demorei... ((riu))

Em resposta ao questionamento do professor (turno 53), a aluna Maria Bonita, no turno 54, retorna ao texto fonte, retomando o último verso da primeira estrofe “*Acho que essa parte aqui que ele fala né? 'entre todos os galos' né?*”. A partir dessa retomada, a aluna continua seu turno

⁴ Como os dados gerados nesta pesquisa fazem parte de um projeto de pesquisa maior, para o leitor compreender como se deu a aula de leitura de maneira completa, sugere-se a leitura do texto de Silva (2022).

de fala realizando uma leitura inferencial, uma vez que ela associou uma informação explícita no texto fonte "entre todos os galos" aos seus conhecimentos de mundo, e, por meio dessa ação, Maria Bonita construiu sentido "então seria contagiando uma coisa que vai contagiando a todos, né? *aquela ideia vai contagia todo mundo e todo mundo... junto ali...*" para o que estava sendo informado no texto ou por intermédio dele.

Após a explanação de Maria Bonita, o professor pesquisador dialoga com as ideias de Maria Bonita no turno 54, ou seja, o professor mediador usa o turno 55 para dialogar com o turno 54. Essa ação teve como objetivo validar a leitura da aluna, além de construir sentidos a partir do conteúdo da fala da aluna. Em seguida, o professor pesquisador perguntou como as alunas entenderam a segunda estrofe do poema, uma vez que o conteúdo turno de fala 54 deu conta do último verso da estrofe, haja vista que, como foi pontuado no parágrafo anterior, há a menção a uma parte literal do texto fonte.

Como visto até aqui, de início, inferimos que as leituras estão se aproximando ou tentando se aproximar daquilo que foi expresso pelo autor do texto fonte. Mas, conforme as discussões foram se desenvolvendo, percebemos o levantamento de hipóteses como estratégia para se chegar a uma leitura significativa. Vejamos o excerto a seguir.

Excerto 5: Legitimando falas

56	Marina Silva	Eu achei difícil... eu acho que eu fui pedacinho por pedacinho mas assim:: juntar o todo ainda não foi não...
57	Marta	Cê pode ter a tela que você faz o tecido né?... você pode ser - - falando da tessitura mesmo - - vai tomando corpo né?...
58	Marina Silva	Eu pensei no contexto também né? porque a coisa foi sendo colocada na primeira estrofe... e aí agora sim vai tomando corpo então... eu pensei nesse sentido...
59	Marta	Porque ela vai "se encorpando em tela entre todos" né? "se erguendo tenda"... então ela se enCORpa ela se ergue...

A aluna Marina Silva, no turno de fala 56, evidencia que teve algumas dificuldades na interpretação da segunda estrofe do texto "*Eu achei difícil...*", pois, segundo ela, a compreensão das partes são necessárias para uma interpretação do todo: "... *eu acho que eu fui pedacinho por pedacinho mas assim:: juntar o todo ainda não foi não...*". Inferimos nessa ação uma perspectiva ascendente ou linear, uma vez que nessa concepção a leitura se dá de maneira sequencial, das 'partes' para o todo. Para Batista-Santos (2018: 35), nesse processamento de leitura o sentido é construído "progressivamente das unidades menores (letras e conjuntos de letras) até as mais amplas e globais (palavras, frases) presentes no texto até a construção do sentido".

Na sequência das colocações de Marina Silva sobre a possibilidade de ter compreendido a segunda estrofe do poema, Marta se posiciona no turno de fala seguinte, o turno 57. A fala de Marta traz um enriquecimento de sentidos variados, pois pode ser compreendida como uma elicitación sobre o primeiro verso da segunda estrofe do poema, pois o trecho “*Cê pode ter a tela que você faz o tecido né?... você pode ser - - falando da tessitura mesmo - - vai tomando corpo né?*” dialoga com o verso: “E se encorpando em tela, entre todos”.

Mas pode, também ser compreendida como uma complementação das palavras ditas por Marina Silva “*eu acho que eu fui pedacinho por pedacinho mas assim:: juntar o todo ainda não foi não*”. Isso porque, na sequência da fala da Marta, Marina Silva traz à tona um pensamento. O que nos leva a inferir que: ou a aluna, a partir das colocações de Marta, turno 57, sentiu-se encorajada a elicitare seus pensamentos e impressões, ou as ideias de Marta contribuíram para que Marina Silva construísse sentidos.

Sendo assim, a partir das contribuições de Marta, que seguem um sentido de encorajar a colega, é que Marina Silva se sente confortável a realizar suas impressões sobre o texto lido. De modo que, além de dialogar com o conteúdo trazido pela colega, estabelecendo uma construção coletiva dos sentidos, Marta atua no sentido de mediar, encorajar e validar as falas de Marina Silva.

Em seguida, no turno 59, Marta faz outra fala que valida as posições de Marina Silva “*Porque ela vai “se encorpando em tela entre todos” né? “se erguendo tenda” ... então ela se enCORpa ela se ergue...*”. Essa remissão de Marta é responsável, no excerto a seguir, por construir sentidos a partir das problematizações de Marina Silva e contribuindo para que a sua colega tenha outras interpretações do poema lido na vivência de leitura.

Excerto 6: cooperação na complementação da asserção

65	Marina Silva	Não, mas eu vi aqui “onde entrem todos” isso eu não tinha percebido...
66	Marta	E olha o jogo de palavras Marina (...)
67	Marina Silva	É...
68	Marta	“entre todos entrem todos”...
69	Marina Silva	Aham...
70	Marta	A tela vai se encorpando entre todos “se erguendo tenda onde entrem todos”
71	Marina Silva	“entrem todos”...
72	Marta	Olha só (...)
73	Marina Silva	Não eu achei legal... isso eu não tinha prestado... atenção não...

Temos, portanto, no turno 65, a aluna Marina Silva observando que não havia prestado atenção em um trecho do poema “*onde entrem todos*”. A sua percepção para o trecho em questão se deu a partir da fala de Marta, no turno 59, que consta no excerto 5. Esse dado dá indícios de uma construção de sentidos coletiva, que se funda a partir da interação social entre as alunas participantes da aula de leitura.

De modo que, se o texto lido na vivência, fosse trabalhado de maneira individual, como ocorre em boa parte das aulas de leitura no contexto educacional brasileiro, negar-se-ia a possibilidade dessa construção do sentido a partir das falas das colegas. Diante disso, é mister pontuar que as aulas de leitura devem promover o diálogo, o encontro com o outro, com o divergente, o encontro com o contraditório, pois os sujeitos se formam nessa dinâmica do heterodiscurso (BAKHTIN: 2015).

O turno 65 é característico também por dar início a um processo de “cooperação na complementação da asserção” (PONTECORVO: 2005), ou na construção conjunta de uma leitura, que ocorre quando os sujeitos passam a ter familiaridade com um pensamento e dialogam complementando as asserções realizadas anteriormente, de modo que para o pensamento seja tido como completo, um posicionamento necessita do outro. E assim ocorreu no excerto 6, pois a aluna Marina Silva, para construir sentidos mais coerentes em relação ao texto lido, necessitou das colocações de Marta, para então, utilizando as palavras de Marina Silva, ‘prestar atenção’ em certos aspectos do texto.

Excerto 7: cooperação na complementação da asserção

Turno	Participante	Reflexão
85	Marta	Eu acho que ele faz uma... também um jogo de palavras aí entre “ <i>todos</i> ” e “ <i>toldo</i> ”... a questão sonora se você falar todos todo todos todo é muito parecido né? eu acho que ele faz uma... questão ali de jogo de palavras com a sonoridade desses dois vocábulos... ih::: o toldo no mesmo sentido da tenda dando a ideia de proteção né? também... que também serve pra Todos então é eu acho que eu ainda vou nessa... nessa linha de pensamento do jogo de palavras e o jogo de sentidos... há todo um campo semântico aí também envolvido...
86	Marina Silva	E aí na sequência é interessante eu também vejo por aí Marta essa questão do todo né? e aí na sequência... eu fico... pra mim ficou assim... “e plana livre de armação” eu entendi esse plana como segue não o plano mesmo como segue livre de armação... e aí eu retomo aquela ideia que a Marta trouxe... que eu não tinha visto né? que essa questão da::: dessa armação::: dessa questão da armação no sentido assim de guerra de não soltar a mão de repressão né? essa coisa que eu acho de diferentes lutas também que a::: Olga Benário trouxe... né? então eu fiquei eu tô olhando aqui pro texto ih::: pra mim agora já começou assim

		a compor um pouquinho mais de significado né? e aí eu fui por esse sentido... "toldo de um tecido tão aéreo..." ele vai seguindo...
--	--	---

No turno 85, a aluna Marta faz uma série de reflexões que dão conta dos aspectos de que o poema lido na aula de leitura é constituído. Aspectos esses que tocam nas questões de letramento literário (COSSON: 2006) e que indicam reflexões sobre alguns caminhos para o ensino da competência leitora no contexto escolar. O ensino de literatura deve deixar de abordar apenas aspectos historiográficos e passar a trabalhar o texto literário, para que se proporcione aos leitores a fruição estética que esses textos provocam.

Dentro dessas reflexões, um elemento importante para a constituição de "Tecendo a manhã" é o jogo de palavras construído pelo autor do texto. Se levarmos em consideração que, sobretudo na última estrofe do texto, há uma grande quantidade de palavras que têm em sua composição a letra "T", pode-se dizer que há uma aliteração⁵, importantíssima para a construção dos sentidos.

Além da aliteração, que, de acordo com Goldstein (2006), é uma figura de linguagem de efeito sonoro, uma outra figura de linguagem de grande relevância na estrofe é a presença da paronomásia. De acordo com Dubois *et al* (2005:458-459) "chama-se paronomásia a figura de retórica que consiste em reaproximar palavras que apresentam, seja uma similaridade fônica, seja um parentesco etimológico ou formal". Dessa forma, as palavras que fazem emergir uma paronomásia na segunda estrofe do poema lido na vivência são: tela, tenda; toldo, todos; entre, entrem; erguendo, entretendendo; a manhã, amanhã; Tecido (substantivo), tecido (verbo no pretérito do particípio).

Nesse sentido de abordar aspectos da sonoridade do texto poético e as relações e efeitos de sentido nas palavras que compõem o poema, é que Marta relaciona a palavra "todo" a "toldo" e que abre espaço para o turno 86, em que se registram as reflexões de Marina Silva. Esta, por sua vez, faz o uso de uma "co-construção de dado pela retomada" (PONTECORVO, 2005) ao retomar a unidade temática (BAKHTIN, 2018) suscitada por Marta "*também vejo por aí Marta*".

Marina Silva retoma a temática levantada por Marta, concorda com a leitura feita pela colega e constrói e ressignifica sentidos a partir dos posicionamentos suscitados no turno que antecede o 86. Além disso, Marina, em seu turno de fala, ao dizer que "*pra mim ficou assim...*", o verbo "ficou" permite-nos entender que algo mudou e, em meio a essas

⁵ De acordo com Goldstein (2006, p.74) "aliteração é a repetição da mesma consoante ao longo da estrofe ou do poema".

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

mudanças, o sentido que 'ficou' sofreu influências dos pensamentos da colega Marta.

Após essas colocações, Marina Silva, além de fazer uma co-construção de dado pela retomada das falas advindas da parte de Marta, retoma pensamentos advindos da parte da aluna Olga Benário que não tem turno de fala nessa parte da aula de leitura e, contudo, trouxe contribuições acerca do texto lido no início da vivência.

5. Considerações finais

Com a pesquisa constatamos que a leitura mobilizada no PAG é dialógica e social possibilitando aos participantes um lugar legítimo e democrático na co-construção de sentidos. Dessa forma, contrapondo a leitura monológica, verificamos nas falas dos participantes a promoção do diálogo, o encontro com o outro, uma vez que os leitores se constituem socialmente na dinâmica do heterodiscurso.

No PAG, tanto o professor quanto os alunos ultrapassam os limites do texto. Ao aluno é possibilitado o exercício da sua voz ser legitimada pelo professor-mediador e pelos seus colegas de vivências. Ao professor, o PAG possibilita um agir democrático no qual ele compreenda e respeite que há diversos conhecimentos e que um não se destaca em relação ao outro.

Portanto, na prática do PAG, os alunos co-constroem sentidos coletivamente ao retomar unidades temáticas suscitadas ou por meio da complementação da asserção, a partir das falas e colocações de outros participantes (refutar, concordar, discordar, revozear, completar e inferir).

Ademais, o poema "tecendo a manhã", escolhido para a realização da vivência de leitura, é uma metáfora muito apropriada para mostrar o que acontece em uma aula de leitura que utiliza o PAG. Uma vez que a dinâmica vivenciada pelos "galos", de apanhar o canto de um e lançar a outro, podem representar as retomadas e complementações que ocorrem nas co-construções.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015.

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

BATISTA-SANTOS, D. O. *Prática dialógica de leitura na universidade: uma contribuição para a formação do leitor responsivo e do professor letrado*. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2018, p. 248.

BATISTA-SANTOS, D. O.; SILVA, D. H. P. de O. Construindo um perfil de leitor na prática dialógica de leitura. In: BATISTA-SANTOS, D. O.; MORAIS, M. P. A. *Ensino de aprendizagem de língua portuguesa: confrontando e ressignificando práticas silenciadoras*. Palmas: EDUFT, 2020.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, I. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, Ch.; MARCELLESI, J-B.; MEVEL, J-P. *Dicionário de Linguística*. 10.ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

ERICSSON, K. A. SIMON, H. A. *Protocol Analysis*. Cambridge: MIT Press, 1984.

FERRAREZI Jr., C. *Pedagogia do silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna*. 1ª. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOLDSTEIN, N. *Versos, Sons, Ritmos*. 14.ed. São Paulo: Ática, 2006.

JACOBY, S. OCHS, E. Co-Construction: An Introduction. *Research on Language and Social Interaction*. Filadélfia. N. 28, V. 3. 171-183, 1995.

MELO NETO, J. C. de. *Obra completa: volume único*. Org. Oliveira, M.. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 345. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira)

MOITA LOPES, L. P. *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

MOITA LOPES, L. P. da. Da aplicação de linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In: Regina Celi Pereira e Pilar Roca. (Org.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

PONTECORVO, C. Discutir, argumentar e pensar na escola: o adulto como regulador da aprendizagem. In: PONTECORVO, C.; AJELLO, A. M.; ZUCCHERMAGLIO, C. *Discutindo se aprende: interação social, conhecimento e escola*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ORSOLINI M., Pontecorvo C. Disputare e co-costruire: processi di conoscenza nell' interazione verbale tra bambini, comunicazione presentata alla *II European Conference on Developmental Psychology*, Roma, 10-13 settembre 1986.

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, D. H. P. de O. *Por uma prática dialógica de leitura na Universidade: contribuições para formação do sujeito-leitor-responsivo*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Tocantins, 2022.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

ZANOTTO, M. S. Metáfora, Cognição e Ensino de Leitura. *D.E.L.T.A.*. São Paulo, vol 11, nº 2, p. 241-254,1995.

ZANOTTO, M. S. Construção e a Indeterminação do Significado Metafórico no Evento Social de Leitura. In: PAIVA, V. L.M.O. *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: Edit. da UFMG, 1998, P. 13-38.

SILVA, Dimas Henrique Pereira de Oliveira; BATISTA-SANTOS, Dalve Oliveira; NASCIMENTO, Michele Lima. A co-construção dos sentidos nas aulas de leitura: o pensar alto em grupo como instrumento dialógico. *Revista Intercâmbio*, v.LIV, e65393, 2023. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

ZANOTTO, M. S. As múltiplas leituras da 'metáfora': desenhando uma metodologia de investigação. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v.39, n. 67, p. 3-17, jul./dez. 2014.

ZANOTTO, M. S.; SUGAYAMA, A. M. Um confronto heurístico entre práticas de letramento e as epistemologias do monologismo e do dialogismo. *Revista Signum*, Londrina, v. 1, n.19, p.11-39, 2016.

Recebido em: 24/08/2023
Aprovado em 11/12/2023



Esta obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.